

— Histórias — da Pandemia



HISTÓRIAS DA PANDEMIA

São Bernardo do Campo - SP – Brasil
Centro Universitário FEI
2021

*A responsabilidade pelos textos é exclusiva dos seus autores e não expressam,
necessariamente, a visão da Comissão Organizadora*

Fotos: Gilson Mafra

Histórias da pandemia / Organizadores: Giselle L. Agazzi; Cintia
Fernandes; Raúl Cesar Gouveia Fernandes. São Bernardo do
Campo, 2021.
35 f.; pdf

ISBN: 978-65-89048-01-5

1. Narrativas. 2. Poesia. 4. Literatura I. Centro Universitário da FEI.
II. Agazzi, Giselle L. III. Fernandes, Cintia. IV. Fernandes, Raúl
Cesar Gouveia. V. Título.

CDU 82



Para Marcos Ap, in memoriam

Sobre o evento universal

Se eu soubesse poesia
Comporia a mais bonita
Para alcançar no silêncio o riso
Sufocado à distância do abraço

Tantos dos seus versos
Não puderam me ensinar
A dizer o que não cabe mais
No respiro do momento impossível

O som, afinal, não pode ser sentido

Tristezas infindas pelo desencontro final
Nas teias de vozes tramadas
Em tantos saraus a reverberar
Para o sempre, sua energia

Artistarqueólogo, verbo partido, ficou sem lugar

Ah, se eu soubesse poesia...
De certo compreenderia
A urgência da falta que tanto faz

Se havemos de amanhecer, como sabia Drummond
Nós nos alcançaremos, a todos, na contramão
Do trágico evento universal

E não iremos sozinhos

As tantas poesias
A arranhar a opacidade dos dias
Farão do riso, a alegria

Giselle L. Agazzi

SUMÁRIO

PREFÁCIO

Raúl Cesar Gouveia Fernandes 7

INTRODUÇÃO

Giselle L. Agazzi 12

CONVID à superação

João Pedro Sugai 18

O caminho

Renata Schneider De Lucca 19

(Re)Conhece-te a ti mesmo!

Gabriel Oliveira 20

Renascimento

Maria Eduarda 21

Não estou sozinho

Guilherme Augusto 22

Um ser cavernista na pandemia

Cleide Mara de Sousa 23

Ode ao presente

Júlio César Dutra 25

Evento universal

Marcos Ap 26

Pandêmico

Marc 28

Relato de meditação de um tolo amigo

Rogério Orefice 29

Suicídio ou Deus?

Rafael Tré 31

A História Peculiar de Uma Família

Diego Ortega 32

AGRADECIMENTOS 35



PREFÁCIO

“No meio do caminho tinha uma pedra” ...

No início de 2020, trilhávamos nosso caminho, como de hábito: apressados, atarefados e distraídos. Cheios de planos para o futuro.

Até que nos deparamos com uma *pedra*.

Que imagem melhor para representar um obstáculo, uma dificuldade inesperada, algo que nos obriga a mudar de rota? Sem aviso prévio, fomos forçados a interromper o convívio com amigos, suspender compromissos, rever prioridades. Em seguida, passamos a conviver com a angustiante contabilização do número de infectados – e de vítimas. E agora, com Drummond, podemos dizer: “Nunca me esquecerei deste acontecimento / na vida de minhas retinas tão fatigadas”.

Mas, apesar de todo sofrimento que nos tocou (e ainda toca) atravessar, é preciso reconhecer que o embate com circunstâncias imponderáveis pode também trazer à luz novas maneiras de encarar a vida, revelando aspectos normalmente esquecidos em meio às ocupações do cotidiano.

É o que mostra Clarice Lispector em seu belo conto intitulado “Amor”, ao narrar um desses imprevistos que têm o condão de alterar pelo menos momentaneamente nossa percepção do mundo. Ana era uma pacata dona de casa; sempre absorvida pelas tarefas do dia a dia, vivia como que alheia de si mesma. Certa tarde, porém, voltando das compras, um inesperado encontro a desperta do torpor: ela avista na rua um homem cego.

E ainda por cima – era isto o que aguçava o inusitado da cena –, em contraste com os demais, aquele cego permanecia placidamente na calçada, mascando chicletes.

Foi então que olhou para o homem parado no ponto.

A diferença entre ele e os outros é que ele estava realmente parado. De pé, suas mãos se mantinham avançadas. Era um cego.

O que havia mais que fizesse Ana se aprumar em desconfiança? Alguma coisa intranquila estava sucedendo. Então ela viu: o cego mascava chicles... Um homem cego mascava chicles. (...)

Inclinada, olhava o cego profundamente, como se olha o que não nos vê. Ele mascava goma na escuridão. (...) Mas continuava a olhá-lo, cada vez mais inclinada – o bonde deu uma arrancada súbita jogando-a desprevenida para trás, o pesado saco de tricô despençou-se do colo, ruiu no chão – Ana deu um grito, o condutor deu ordem de parada antes de saber do que se tratava – o bonde estacou, os passageiros olharam assustados.

Incapaz de se mover para apanhar suas compras, Ana se aprumava pálida. Uma expressão de rosto, há muito não usada, ressurgira-lhe com dificuldade, ainda incerta, incompreensível. O moleque dos jornais ria entregando-lhe o volume. Mas os ovos se haviam quebrado no embrulho de jornal. Gemas amarelas e viscosas pingavam entre os fios da rede. O cego interrompera a mastigação e avançava as mãos inseguras, tentando inutilmente pegar o que acontecia. O embrulho dos ovos foi jogado fora da rede e, entre os sorrisos dos passageiros e o sinal do condutor, o bonde deu a nova arrancada de partida.

O caráter insólito da figura avistada – um cego que masca chicletes – é proposital: quer causar nos leitores a mesma estranheza, o mesmo desconforto experimentado por Ana. Afinal, diante da fragilidade do outro, tão semelhante à nossa, cabe perguntar qual é a verdadeira cegueira: a dos que pretendem conduzir sua rotina seguros de si e esquecidos do frágil equilíbrio da vida, ou a do pobre homem que se mantinha em pé no meio da escuridão?

Situações como essa não são raras. Na maioria dos casos, não se trata de eventos de escala planetária, como a pandemia; o mais comum é que sejam motivadas por pequenos detalhes, que poderiam muito bem passar despercebidos. Todos já

experimentamos acontecimentos desse tipo, que nos escancaram abruptamente para um estado de consciência mais agudo, quase vertiginoso. Em tais momentos, a vida de repente parece estacar. E se a personagem deixou o embrulho de compras cair devido à arrancada súbita do bonde, conosco pode suceder algo semelhante. Em suma, a fina crosta que mantém oculto o segredo íntimo das coisas, como a casca dos ovos de Ana, rompe-se. As gemas escorrem para fora dos fios da rede em que cingimos nossos velhos hábitos; o âmago das coisas, muitas vezes incômodo, revela-se.

Com muitos de nós passou-se o mesmo nos últimos meses. Frente às dolorosas circunstâncias que se nos impuseram, fomos obrigados a relativizar preocupações, revisitar projetos, questionar prioridades. Fomos postos em xeque; de improviso, sentimo-nos cegos, vulneráveis, pequenos.

*
* *

O livrinho que ora apresentamos aos leitores nasceu da convicção de que, em meio a todo sofrimento causado pela pandemia, era necessário criar oportunidades de reflexão sobre nós mesmos, nossos desejos e as circunstâncias que nos desafiam.

O cotidiano de uma instituição de ensino é tecido de encontros. Quando eles são suspensos, falta-nos o chão. De repente, fomos arrebatados para um mundo feito de videoconferências, *lives* e *webinars*. Salta aos olhos a importância da fascinante tecnologia que torna tudo isso possível: com efeito, ela serviu para mitigar a solidão durante o período de confinamento e permitiu que prosseguíssemos nossas atividades acadêmicas ao longo do último ano. Por outro lado, ficou também manifesta a impossibilidade de compensar todo o vazio deixado pela ausência de contatos pessoais apenas pelo uso das ferramentas de comunicação virtual.

Em vista disso, um grupo de professores da área de Comunicação e Expressão do Centro Universitário FEI idealizou este projeto, com o fito de promover entre nós o diálogo e a troca de experiências durante os longos meses de distanciamento social. A fim de reforçar os laços que nos unem e não deixar que o senso de pertencimento comum esmorecesse, foi lançada uma chamada aberta, convidando toda a comunidade feiana –

alunos, professores e funcionários – a enviar suas colaborações, em forma de poemas ou narrativas breves, para compor o presente volume.

Ainda que não tenham sido muitas, as contribuições recebidas revelaram o acerto da aposta: a despeito da penosa conjuntura em que foram produzidos, os textos aqui reunidos testemunham grande riqueza de experiências e reflexões.

Como não poderia deixar de ser, há várias referências aos temores causados por um mal desconhecido. O portão é fechado, a rua é ameaçadora; resguardados em casa, contemplávamos a vida da janela (“Um ser cavernista na pandemia”). O riso foi roubado, dizem uns, e os abraços, interditos; mas sem esquecer que isso pode franquear acesso à essência de nós mesmos (“Evento universal” e “Pandêmico”). O confinamento fez desmoronar certos relacionamentos, mas também foi ocasião de estreitar laços familiares ou perceber que não estamos sós (“Suicídio ou Deus?”, “História peculiar de uma família” e “Não estou sozinho”).

Por outro lado, não faltam notas de esperança na renovação (“Convid à superação” e “O caminho”) e até mesmo de exaltação da vida, ainda que permeada pelos desafios atuais (“Ode ao presente”).

Outro grupo de textos, por fim, versa sobre os questionamentos surgidos acerca dos rumos que devemos tomar daqui por diante, num exercício de revisão dos valores e prioridades assumidas (“Renascimento”). A pandemia nos despertou da “dormência” e dos automatismos do cotidiano (“(Re)-conhece-te a ti mesmo!”) e pode até mesmo conduzir-nos por uma via de autoconhecimento e libertação (“Relato de meditação de um tolo amigo”).

Como se vê, as duras contingências impostas por aquela formidável pedra que se interpôs em nosso caminho no ano de 2020 não foram capazes de embotar a sensibilidade ou paralisar a inteligência de muitos de nós. Também fica mais uma vez confirmada a crença dos organizadores, sobre ser a literatura um campo privilegiado para fazer aflorar nossa humanidade: afinal, a arte sempre nos convida a abrir mais uma vez nossas retinas, usualmente “tão fadigadas” pela distração e pela falta de esperança, como dizia Drummond.

Por isso, fazemos votos de que esta modesta coletânea de poemas e contos possa representar para seus leitores o mesmo que significou para nós e os demais autores dos

textos aqui reunidos: uma ocasião de lançar nova mirada sobre os dramas que vivemos e as escolhas que fazemos.

Raúl Cesar Gouveia Fernandes
Departamento de Ciências Sociais e Jurídicas



INTRODUÇÃO

A função da arte

Diego não conhecia o mar. O pai, Santiago Kovadloff, levou-o para que descobrisse o mar.

Viajaram para o Sul.

Ele, o mar, estava do outro lado das dunas altas, esperando.

Quando o menino e o pai enfim alcançaram aquelas alturas de areia, depois de muito caminhar, o mar estava na frente de seus olhos. E foi tanta a imensidão do mar, e tanto o seu fulgor, que o menino ficou mudo de beleza.

E quando finalmente conseguiu falar, tremendo, gaguejando, pediu ao pai:

– Me ajuda a olhar!”

Eduardo Galeano¹

Não é fácil remexer nos escombros do ser quando a tragédia ainda está em curso. E talvez exatamente por isso seja tão necessário que, aqueles que conseguem, partilhem seu sopro, sua voz, sua letra. O filósofo francês Gilles Deleuze, no seu clássico “A literatura e a vida”, coloca a expressão literária como “uma questão de devir”, pois é sempre uma concretude inacabada, “que extravasa toda a matéria vivível ou vivida”, reafirmando os vínculos inquebráveis entre literatura e vida.

Para Deleuze, deve-se pensar não *sobre* a literatura, mas *a partir* da literatura, para que os sentidos genuínos da arte da palavra se operem no leitor e, também, no escritor. O

¹ GALEANO, Eduardo. O livro dos abraços. Tradução Eric Nepomuceno. Porto Alegre: L&PM, 1997.

exercício pode parecer simples, quando pensado abstratamente, como algo distante, mas, na prática, implica que muitos leitores e escritores se libertem do lugar comum ao qual o texto literário foi deslocado, para ser recolocado no seu ponto de origem.

Aqueles que usufruem da literatura estão condenados a vivê-la e, por meio dela, reviverem em si extraordinariamente o que o ordinário do cotidiano lhes rouba: “Viver – não é? – é muito perigoso. Porque ainda não se sabe. Porque aprender a viver é que é o viver mesmo”, diz Riobaldo, o narrador de *Grande Sertão: Veredas*, de Guimarães Rosa, para quem “Viver é muito perigoso”. Diante da impossibilidade de controlar a vida, que escorre para a morte, o homem multiplica a ilusão de controlar sua existência e as leis da natureza. Entretanto, a arte – que não deixa de ser uma outra maneira científica de perceber a realidade – ao denunciar que só se vive para a morte, eterniza o que há de humano no mundo: “Assaz o senhor sabe: a gente quer passar um rio a nado, e passa; mas vai dar na outra banda é num ponto muito mais em baixo, bem diverso do que em primeiro se pensou. Viver não é muito perigoso?”.

E, então, na velocidade das novas tecnologias, em meio às milhares de mensagens trocadas pelo whatsapp, às imagens do Instagram e às intermináveis discussões travadas no Facebook, eis que emerge a grande pedra no meio do caminho da humanidade, tolhendo a vida de tantas pessoas e ameaçando os que ficaram/têm ficado/ ficarão (até quando?). No Brasil, país com desigualdades históricas arraigadas, os desafios impostos pela pandemia ganharam ainda mais intensidade. Se a morte não escolhe raça, credo ou classe social, é certo que os menos privilegiados foram e permanecem sendo os mais vulneráveis aos problemas gerados pelo coronavírus. Como fundar caminhos para resistir à paisagem desoladora?

Do outro lado da margem do rio, é possível ao nadador recuperar o seu trajeto e identificar o ponto ao qual queria chegar. Mais uma tentativa, para alcançar aquele seu objetivo traçado inicialmente. Chega novamente à margem e olha seu insucesso. Tanto treino, tantos anos aprendendo a coordenar membros superiores e inferiores, mas nada de atingir sua meta. Mais uma tentativa? Sim, há fôlego para tanto. Outra tentativa. Outra ainda...até que já não há fôlego. Entrega-se, então, o nadador à correnteza, e, ao boiar nos movimentos de um rio que ora se agita, ora se acalma, reconhece que não pode controlar todas as variáveis que lhe cortam o nado, o rio, a vida. Os fatores externos à sua vontade,

a despeito de seu alto desempenho, não podem ser controlados para que chegue onde determinou.

Riobaldo, que com a vida aprendeu o essencial, caminhando por seus sertões, é que ensina “Existe é homem humano. Travessia”. Essas são as últimas frases do *Grande sertão: veredas*, mas que poderiam ser também as primeiras, porque, ao fim, na espiral da vida redesenhada por cada individualidade, o “homem” se faz “humano” ao longo dos tempos das travessias. Humanizar-nos por meio da literatura, lendo-a ou compondo-a, não é para qualquer um, mas para os que têm coragem: valentia é viver, autenticamente, sem amortizar as quedas ou minimizar as dores. Somente no confronto diário com as mazelas de que somos feitos é possível lidar com elas e, quiçá, superá-las.

Em um ano tão dolorosamente atípico como 2020, em que contar os mortos ao final de cada 24 horas se tornou um hábito, a aridez dos territórios imaginários se impõe. Os números não falam por si, eles são significados pela coletividade, que, cansada, diminui o que não pode ser diminuído. O esforço é em vão, porque ficam as chagas, quanto mais são compridas ao esquecimento, mais se aprofundam, fazem raízes, entranham-se nos modos da existência. Como um sopro de saúde para corpos adoecidos em sociedades corrompidas pelo desejo de dominar a todos e a tudo, olhar de dentro das linhas que atravessam a folha em branco, intencionalmente preenchida para gerar efeito estético, pode dar fibras ao desejo de vida das pessoas.

É muito cedo para qualquer tipo de avaliação das consequências do que a experiência mundial com o novo coronavírus trouxe/está trazendo/trará. Anos serão necessários para que seja possível compreender os processos e as situações vividas. Mas a compreensão racional dos fatos, que tardará, não pode impedir que se busque traduzir em palavras as paisagens subjetivas, tão impactadas pela pandemia, porque é a arte, como ensina Deleuze, que torna visível o que é invisível, que dá consistência, forma e cor ao que se insinua ligeiramente, ainda que pese sobre os ombros de toda humanidade.

A noite desceu. Que noite!
Já não enxergo meus irmãos.
E nem tão pouco os rumores
que outrora me perturbavam.
A noite desceu. Nas casas,

nas ruas onde se combate,
nos campos desfalecidos,
a noite espalhou o medo
e a total incompreensão.

(...)

A noite anoiteceu tudo...
O mundo não tem remédio...
Os suicidas tinham razão.

Aurora,
entretanto eu te diviso, ainda tímida,
inexperiente das luzes que vais acender
e dos bens que repartirás com todos os homens.
Sob o úmido véu de raivas, queixas e humilhações,
adivinho-te que sobes, vapor róseo, expulsando a treva noturna.
O triste mundo fascista se decompõe ao contato de teus dedos,
teus dedos frios, que ainda se não modelaram
mas que avançam na escuridão como um sinal verde e peremptório.
Minha fadiga encontrará em ti o seu termo,
minha carne estremece na certeza de tua vinda.
O suor é um óleo suave, as mãos dos sobreviventes se enlaçam,
os corpos hirtos adquirem uma fluidez,
uma inocência, um perdão simples e macio...
Havemos de amanhecer. O mundo
se tinge com as tintas da antemanhã
e o sangue que escorre é doce, de tão necessário
para colorir tuas pálidas faces, aurora.

(Carlos Drummond de Andrade)²

² (ANDRADE, Carlos Drummond de. Poesia e prosa. Rio de Janeiro, Nova Aguilar, 1992, p. 70)

Ao desejar vida para si, inevitavelmente, o homem projeta vida para todos. Essa é a esperança, real e possível, que se entrelaça ao que se chama literatura. A escrita literária, para Deleuze, é uma estratégia para libertar a vida, para propor linhas de fuga da prisão em que a existência se encontra, o que traz, em última instância, novas potencialidades para a ação, para o humano. Trata-se, acima de tudo, de uma fuga do pensamento hegemônico, que quer dominar as relações sociais e os modos de vida. Como ato de resistência ao que está estabelecido como verdade, a literatura abre as brechas (para usar um termo caro a Ernest Bloch) necessárias para se vislumbrar outras existências, novos devires.

No mínimo, buscar vislumbrar o espaço-tempo em que se concretiza a literatura pode ser uma aprendizagem, a qual não se dará se não tivermos uma obra em perspectiva. Ao serem deslindados os fios que engendram os textos artísticos, o que se anunciava como individual e único, pertencente de um só artista, liberta-se em direção de todos, da comunidade, da coletividade. O filósofo brasileiro Benedito Nunes, ao analisar a obra de Guimarães Rosa, lança frase tão poética quanto as de seu objeto de estudo: “o homem, por ser viajante, é também a viagem”. Quanto mais acordado o homem para a viagem que faz e que é, tanto maior a chance de que deseje vida em lugar de morte:

“Havemos de amanhecer”! E havendo de amanhecer, é possível experimentar este devir, que chega, que é e está.

Giselle Larizzatti Agazzi

The background of the page is a photograph of a park. In the foreground, there are dark, thin branches with bright yellow flowers. Behind them is a green lawn. In the middle ground, there is a basketball court with a blue and red surface, enclosed by a black fence. The background is filled with lush green trees and foliage.

*Coletânea
de Textos*

CONVID à superação*João Pedro Sugai*

Tudo foi tão de repente
O mundo inteiro parou
Nas ruas o silêncio reinou
E a tristeza fez-se presente

O distanciamento social
Gerou uma crise mundial
O que podemos fazer?
O que nos resta é continuar a viver

Os óbitos não param
Entre estes, entes queridos
Seus nomes nunca serão esquecidos
Mas estes ferimentos nunca saram

Não podemos continuar pessimistas
Devemos honrá-los com novas conquistas
As derrotas não irão nos parar
Será um motivo maior para recomeçar

A pandemia nos trouxe uma lição
De todo mal Deus tira um bem maior
Deste irá ser muito melhor
Ensinou-nos Ele o verdadeiro sentido da união

O caminho*Renata Schneider De Lucca*

Quando todos estão saindo
eu me vi voltando,
voltando, em meio ao caos.
Caos para aqueles que não enxergam
como a mudança se fez necessária.
Um planeta sem força,
uma natureza exausta.

Estamos por uma tela,
enquanto a Terra
Respira. Em paz.
o pequeno invisível nos parou e disse:
CHEGA. Aqui, não mais.

Agora o Sol volta a brilhar,
que tenha sido suficiente.
Enxergo um futuro limpo,
e gentil,
construído pela gente.

Que o caminho do B(em) seja percorrido,
consciente
de que há vida em todo lugar.

(Re)Conhece-te a ti mesmo!*Gabriel Oliveira*

Cá estou eu sentada novamente neste encontro comigo mesma. A sensação é de dormência nas pernas, mas prefiro não levantar: minha cabeça pesa. Carrego comigo as preocupações do dia a dia, o cansaço do corpo, as incertezas e as ansiedades. Depois de tanto tempo... ah, só agora me dei conta que em tempos de uma incansável busca por crescimento acadêmico-profissional e bens materiais, podemos ter nos esquecidos de cuidar de um bem precioso e fundamental: nós mesmas.

Encontros e desencontros, calma e sofrimento – um movimento introspectivo cruzado que acontece diversas vezes em nossas vidas. E a resposta do corpo depende de nosso estado mental e emocional. Só não consigo identificar qual resposta ele está evidenciando agora, porque sinto a dormência que estava sentindo. Paralisei por um instante, porque preciso sentir algo – preciso disso, preciso daquilo, e no final percebo que preciso de mim mesma.

Passou. O bom é ter a consciência que você me ouve e que temos uma a outra novamente, porque eu não aguentaria tudo sozinha. Quer saber? Estou me sentindo bem com você neste momento, mas saiba que já não te quis por perto.

No entanto, estar imersa neste universo que estou enxergando agora – afinal, é o meu universo – faz eu entender o que realmente sinto e penso! A automaticidade instaurada no nosso cotidiano pouco permitia este contato com a solitude. Pouco satisfatório era estar conscientemente bem com a própria companhia, pois estar sozinha era sentir um vazio – que corroía as entranhas da mente.

Encontros e desencontros, correria e, enfim, agradecimento. Apesar da navegação lenta, agora estou me (re)conectando, (re)conhecendo-me pouco a pouco.

Renascimento*Maria Eduarda*

Morri

Pra nascer de novo,
Do sol, ao escuro,
Pra depois voltar à luz.

Ansiedade,
Solidão,
Reencontro.
E agora, o que seremos?
O que faremos?
Com tanto orgulho, e tanto desprezo,
O que faremos agora com tudo isso?
Se nem abraçar mais podemos.

Perder pra ganhar.
Aquilo que tinha tanto valor, perdeu-se.
E o que estava perdido, encontrou seu grande valor.
Finalmente vem a pergunta:
Qual é o valor das coisas agora?
Qual é?

Se o amor já era difícil de se encontrar,
Quem agora, o achará?
Talvez você o encontre...
Num pequeno e simples olhar.

Não estou sozinho*Guilherme Augusto*

Comemorei 23 anos na pandemia
E apesar do isolamento e quarentena
Tive na pequena festa muita alegria
Vou guardar na minha memória a cena

A saúde de todos foi o maior presente
Havia sete pessoas no total
Mas mesmo com tão pouca gente
Foi realmente uma felicidade geral

Outras festas também comemorei
Dos 50 da minha mãe sempre me lembrarei
E os 80 da minha vó com certeza não esquecerei

De tanta coisa me lembrarei com carinho
Enquanto percorrer meu caminho
Saberei que não estou sozinho

Um ser cavernista na pandemia

Cleide Mara de Sousa

Sempre fui um pouco assim...
De gostar de ficar em casa, de gostar do meu canto
Sempre fiquei bem, dentro do meu silêncio
Mas, e o portão?
Ah! Esse sempre esteve aberto
E as cheganças me alegravam o coração

Agora é diferente
A rua inspira perigo, o mercado e feira livre inspiram perigo
O parque e a caminhada inspiram perigo
Até o abraço, por incrível que pareça, inspira perigo
Agora é diferente, perco a noção do tempo
Que horas serão?
Quantos livros já lidos
Quantas gavetas organizadas
Quanta informação!

Agora é diferente, vejo a vida pela janela
A rua está quieta, as pessoas estão quietas
À direita, o perfume da "dama da noite" e à esquerda, os frutos da amoreira descansam no chão
Agora é diferente, é tempo de reclusão
É tempo de repensar a vida e o viver
É tempo de repensar o amor
E amar e amar...

Mas, e o portão?

Ah! Esse está fechado

E eu só queria seu abraço para espantar a solidão

Ode ao presente*Júlio César Dutra*

Pandemia, que melancolia
Para alguns a nostalgia
De reviver sua tristeza
Para alguns a beleza
De sonhar com a folia

Pandemia, que alegria
De conviver com os seus
Para outros a tristeza
De sofrer e orar a Deus

Pandemia, tão tardia
Para reviver sua vida
Para outros a amargura
De notar os sem-lisura

Pandemia, tão urgente
Para um mundo incoerente
Vida que nos faz tão bem
Que saudade: Amém.

Evento universal*Marcos Ap*

E nos roubou o riso
a proximidade do abraço
Tirou-nos o piso
a cumplicidade do laço

Levará a essência,
nosso amor e humores
Há de nos tirar da demência,
reprimidos por tratores

Roubou-nos o riso
a proximidade do abraço
Tirou-nos o piso
a cumplicidade do laço

O ar que nos vivifica
é o mesmo O₂, místico
da corrente fatídica,
Armageddon e precipício.

Subtraiu-nos o riso
a proximidade do abraço
Tirou-nos o piso
a cumplicidade do laço

O antropocêntrico
desarmado pelo natural
invisível, excêntrico,

no gramado, no varal.

Abrasou-nos o riso
a proximidade do abraço
Tirou-nos o piso
a cumplicidade do laço

E o arrote prepotente
da nossa espécie
mata o escroto oponente
nossa superfície.

Sufocou-nos o riso
a proximidade do abraço
Tirou-nos o piso
a cumplicidade do laço

Será um redefinir
de seguimento
criação de sentimentos
em sedimentos.

Pandêmico*Marc*

E nos roubou o riso, a proximidade do abraço
Tirou-nos o piso e a cumplicidade do laço
Mas nos levará a essência, nosso amor e humores
Há de nos tirar da demência, reprimidos por tratores.

O ar que nos vivifica é o mesmo O₂, místico
da corrente fatídica, Armageddon e precipício.
O antropocêntrico desarmado pelo natural
alienígenas invisíveis, no gramado, no varal.

Há uma fauna de vírus e bactérias na natureza
minúsculos incompreendidos na correnteza.
A involução como gráfico da evolução
aviso anárquico natural da dissolução.

O arroto prepotente da nossa espécie
mata o escroto de nossa superfície...
Será um redefinir de seguimento
criação de sentimentos em sedimentos.

Jogar uma lasca sobre o lago
produzir efeitos num afago
Ver filhos e netos aprendendo
Ensiná-los a ser gente, ascendendo...

Relato de meditação de um tolo amigo*Rogério Orefice*

Caro Franz,

Naqueles dias me perdia em mim.

Somava tudo o que já havia feito e achava que era muito.

Imaginava oceanos a preencher com minha vastidão.

Tolo que fui.

Por mais que se fizesse, sempre haveria muito mais a fazer, muito mais a descobrir, universos a desbravar.

Criaturas de Deus que somos, arvoramos para nós mesmos o direito de conferir a Ele um papel secundário no teatro da vida que interpretamos, quando não O esquecemos num dos cofres da alma.

Desacreditamos Dele.

Ainda assim Ele crê em nós e humildemente interpreta os múltiplos papéis que Lhe atribuímos.

Criava em torno de mim mecanismos de defesa contra a própria vida que pulsava ao meu lado. A mim me bastava.

Tolo que fui. Mais que tolo. Tolo e orgulhoso.

Nos dotes da inteligência calcava minha fala, minha posição social e meu padrão profissional.

Meus sucessos eram meus, meus fracassos dos outros.

Tolo que fui. Mais que tolo. Tolo, orgulhoso e vaidoso.

Tudo desejei. Tudo do melhor, para mim e para os meus, desde que antes para mim. Doeí.

Daquilo que era meu, doeí o supérfluo. Do que não era, o essencial.

Tolo que fui. Mais que tolo. Tolo, orgulhoso, vaidoso e egoísta.

Mas a Vida dá voltas e assim me vi preso na imensa teia de tolices, orgulho, vaidade e egoísmo que eu mesmo teci. Um escravo de mim mesmo.

Quando se está assim, escravo de si, o que de fato se tem é tempo, tempo para

meditar e refletir e na reflexão tudo o que se passou vem à mente como se fora uma apresentação de cinema a exhibir um filme da vida. Nossa própria vida.

E como a observar um ator estrangeiro, ri, debochei, irritei-me, senti medo, conforto. Chorei.

Um choro amargo, com gosto de fel. Foi meu tom inicial de libertação.

Nestes últimos tempos, menos tolo, mas ainda um bocado orgulhoso, vaidoso e egoísta, venho lutando comigo mesmo.

Tenho a caridade, a humildade e a dedicação ao próximo que me tentam.

Bem verdade que nem sempre me vencem, mas...

Nunca me deixam sem retaguarda e um tal de Jesus que me aponta o caminho sem parar.

Quiçá Deus de fato ainda acredite em mim, porque eu passei a acreditar Nele.

Saudades,

Gordo

Suicídio ou Deus?

Rafael Tré

A quarentena começou e acabou com todos os meus sonhos. Minha vida era bela, cheia de esperanças, sonhos e feliz. Estava em um relacionamento a 3 anos, anos de amor, anos de compaixão, anos de comunhão, anos de alegria. Infelizmente, na quarentena, o relacionamento não se mostrou o mais belo possível, farsas e enganações foram evidenciadas em um período frágil para mim como a todos. A vida então virou uma desilusão, 3 anos de mentiras e enganações foram mostradas e a certeza de que a vida era bela não era mais uma certeza; era uma negação. A partir da situação a vida virou escura, sem rumo, sem graça, sem esperanças e para mim a saída mais clara e fácil seria acabar com o sofrimento o mais rápido possível e tentei, porém Deus em minha vida se mostrou forte e não deixou nada acontecer, por mais impossível que fosse. Eu, ateu, não consegui aceitar a inexistência de Deus depois da minha clara evidenciação. Moral da história: Deus se apresenta nos momentos certos e a vida é bela, não tente acabar com ela por situações momentâneas. Em algum momento tudo se encaixará, tudo fará sentindo e quando for pra ser, será. Existe a pessoa certa para cada um de nós, a pessoa que não trairá, não será tóxica e acima de tudo irá te amar como nunca alguém te amou antes. Deus é poderoso, creia nele.

A História Peculiar de Uma Família

Diego Ortega

Era uma vez uma família bem consolidada e forte que vivia em um apartamento em uma grande cidade de um país de desigualdades e injustiças. A família era composta por um casal na faixa dos 50, sendo um filho de 18 e uma filha de 11. Os membros dessa família viviam em paz diante das dificuldades naturais que enfrentavam todos os dias, pois, sempre foram unidos e esforçados. Os pais trabalhavam incansavelmente, seja um cuidando da casa ou o outro em reuniões de trabalho. Desta forma, promoviam uma vida razoavelmente confortável e proveitosa para todos. Os filhos faziam sua parte estudando com o intuito de seguir os passos dos seus pais e ao mesmo tempo retribuir o esforço deles. Uns davam suporte aos outros, não importava a situação.

Em um belo dia, quando tudo estava ocorrendo normalmente sem grandes turbulências, problemas ou complicações fora do normal, levando-os a pensar que seguiriam bem com suas vidas num país tão turbulento. Infelizmente, para o infortúnio delas, não foi bem assim. No fim desse mesmo dia receberam a notícia de que as aulas haviam sido canceladas e muitos empregos suspensos pelo país. O inesperado aconteceu, um vírus sem cura se espalhava pelo mundo fazendo com que as pessoas fossem obrigadas a ficar dentro de suas casas para não disseminar a doença.

Como qualquer outro problema, a família o encarou sem pestanejar. Apesar disso e com o passar dos dias e semanas, ficar dentro de casa por muito tempo foi mais que um desafio para a sanidade mental dessa família. O estresse e a ansiedade fatalmente dominaram suas mentes e corpos. A paciência foi de um milhão para zero rapidamente e a casa virou uma competição incondicional de quem reclamava mais. Mesmo assim, aguentaram firme e seguiram os procedimentos de higiene corretamente e dessa forma, ninguém ficou doente – nem eles, nem qualquer outro parente. A sua casa sempre pode ser o melhor lugar para se estar, mas nem todos aguentam ficar tanto tempo presos nela.

Para ajudar nessa equação, a família ficou sabendo a certa altura, que dois outros casais e seus filhos haviam resolvido se mudar para o condomínio daquela família e a coincidência foi que um se mudaria para o andar logo acima e outro para o andar logo abaixo do apartamento deles. Naturalmente esses novos moradores resolveram modificar todo o apartamento antes da mudança. Se fosse jogo rápido seria fácil, mas não foi o que ocorreu. O síndico do prédio liberou as obras para se realizarem ao mesmo tempo. Foi a pior coisa que aconteceu na vida daquela família.

Todos os dias, das 9h da manhã às 5h da tarde seguia-se um barulho alto, intenso e insuportável das ininterruptas marretadas e marteladas, ampliadas em sua intensidade por serem automáticas. Ocorria de uma forma que a cabeça doía e pulsava – de dor e raiva. Era como se eles vivessem dentro de um campo de obras com britadeiras ao lado.

A sanidade mental da família se corrompeu rapidamente. Seus membros, religiosos, acreditavam que Deus havia colocado uma prova para testar suas paciências. Esta prova chegou a pesar muito mais do que o normal. Nas primeiras semanas aguentaram, mas por volta da terceira ou quarta semanas, já começaram a considerar em fazer um acordo diretamente com os futuros vizinhos, dado que as queixas diárias aos administradores do condomínio fracassaram.

Entregaram então uma notificação extrajudicial ao condomínio, os quais imediatamente a compartilharam com os novos moradores. Conseguiram um acordo: não parariam as obras, mas limitariam os barulhos mais altos no período da tarde, afinal, os novos moradores também teriam seus direitos.

Foi uma decepção total pensar que as obras acabariam depressa e que respeitariam a notificação extrajudicial. Ao invés de cumprir com o acordo, disseram: “A obra é um direito nosso e queremos nos mudar para cá com tudo reformado”. O sangue fervia de raiva após esse tipo de resposta.

O próximo passo então, era entrar com uma ação judicial de fato, pois, as condições que a família passou foram desumanas. Após muitas deliberações e conversas com o advogado da família, eles entenderam que um processo levaria anos e as obras já estariam no fim, ou seja, preferiram não entrar numa guerra com pessoas que infelizmente veriam todos os dias, afinal eram moradores da unidade acima e abaixo.

Apesar de todas as batalhas, a obra continuou em andamento e segue até hoje – pelo menos ainda em um dos apartamentos. Toda essa experiência fortaleceu a família, afinal ela se cansou de ficar brava e começou a festejar os momentos de paz, ou até mesmo aqueles momentos que eram dados como banais e tediosos antes da obra e antes da pandemia. No final, compreendeu-se que nada iria destruir aquela família, nem um vírus, nem uma tortura sonora e que, agora, aprenderam a valorizar mais do que nunca os momentos de paz que a vida lhes presenteia.



AGRADECIMENTOS

Comissão organizadora

Departamento de Ciências Sociais e Jurídicas:

Profa. Giselle Larizzatti Agazzi

Prof. Raúl Cesar Gouveia Fernandes

Biblioteca:

Cintia Fernandes

Andrea da Silva Raimundo

Nilce R. A. Marin